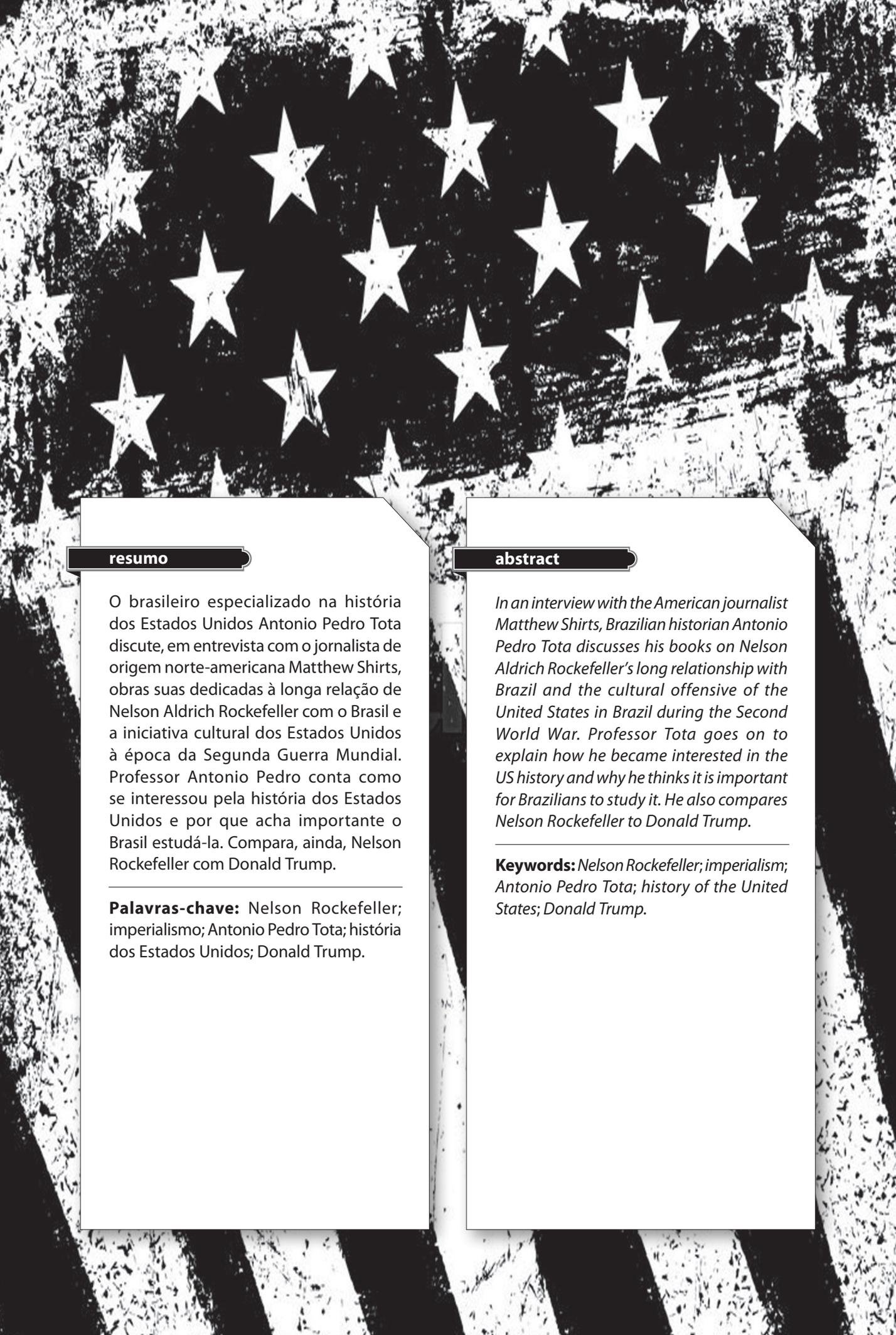




***O amigo americanista***

***Entrevista com o professor  
Antonio Pedro Tota***

*Matthew Shirts*



## resumo

O brasileiro especializado na história dos Estados Unidos Antonio Pedro Tota discute, em entrevista com o jornalista de origem norte-americana Matthew Shirts, obras suas dedicadas à longa relação de Nelson Aldrich Rockefeller com o Brasil e a iniciativa cultural dos Estados Unidos à época da Segunda Guerra Mundial. Professor Antonio Pedro conta como se interessou pela história dos Estados Unidos e por que acha importante o Brasil estudá-la. Compara, ainda, Nelson Rockefeller com Donald Trump.

---

**Palavras-chave:** Nelson Rockefeller; imperialismo; Antonio Pedro Tota; história dos Estados Unidos; Donald Trump.

## abstract

*In an interview with the American journalist Matthew Shirts, Brazilian historian Antonio Pedro Tota discusses his books on Nelson Aldrich Rockefeller's long relationship with Brazil and the cultural offensive of the United States in Brazil during the Second World War. Professor Tota goes on to explain how he became interested in the US history and why he thinks it is important for Brazilians to study it. He also compares Nelson Rockefeller to Donald Trump.*

---

**Keywords:** Nelson Rockefeller; imperialism; Antonio Pedro Tota; history of the United States; Donald Trump.

**P**erdi-me no bairro de Sumarezinho, em São Paulo, antes do primeiro encontro com o hoje professor de História dos Estados Unidos, Antonio Pedro Tota. Corria o ano de 1979 ou, talvez, 1980. Tinha ido de ônibus, se a memória não me falha, e descido na Heitor Penteado. Procurava a Rua Oscar Caravelas, onde o professor mantinha uma espécie de escritório. Americano de 21 anos

de idade, eu era estudante de intercâmbio na FFLCH da USP. Conheço bem a região, hoje. Moraria ali do lado anos mais tarde. Mas àquela altura, sem GPS, nem Google, nem mesmo um guia de ruas em papel, equipado apenas com um endereço e algumas instruções anotadas na terceira capa de um *paperback* americano, tive que pedir orientação no barzinho da favelinha que havia na rua de baixo.

Já era de noite quando cheguei ao portão da garagem, ligado ao sobrado por uma escada de 20 ou 30 metros ladeira acima. Estava ansioso. Não sabia o que esperar. O orientador de Tota e meu professor, José Carlos Sebe Bom Meihy, havia me confiado uma missão. Era importante, explicou, que Tota aprimorasse o seu inglês. Havia recebido um convite para estudar e lecionar na Universidade de Miami. E seria mesmo conveniente que ele saísse do país, explicou José Carlos, devido a perseguições políticas que sofrera alguns anos antes, quando foi preso e torturado (duas vezes).

José Carlos soube que eu dava umas aulas de inglês por aí para ajudar com o aluguel e me pediu esse favor. Aceitei na hora.

Ainda eram tempos de ditaduras no Brasil e em boa parte da América Latina. Estava ansioso para me distanciar do apoio que o meu país dera a esses regimes. Escolhi um livro que imaginei ler e discutir com Tota a partir desse critério. Chamava-se *Inside the Company: CIA Diary*, no qual o ex-agente da CIA Philip Agee detalhava a participação da agência de inteligência em golpes, assassinatos e diversas atividades ilegais no Equador, Uruguai e outros países do subcontinente. O livro entregava nomes de agentes, políticos e jornalistas envolvidos nos crimes. Causou furor na época.

A figura do professor Antonio Pedro Tota ao abrir a porta me é memorável, ainda hoje. A barba, descuidada e fora de controle, chegava à altura do umbigo. Vestia uma bata indiana branca de mangas compridas e bem abertas nos pulsos. Era careca, já, e usava óculos de lentes redondas, à moda de John Lennon ou Trótski. A mim, californiano criado nos anos 60 e 70, parecia que encontrara o esconderijo sul-americano do Mr. Natural, personagem lendário do cartunista Robert Crumb. Havia livros e discos de jazz e música brasileira mais antiga,

---

**MATTHEW SHIRTS** é jornalista especializado em ciência, sustentabilidade, mudanças climáticas e cultura brasileira. Dirigiu a edição brasileira da revista *National Geographic* e é autor de *O Jeitinho Americano* (Realejo) e *A Feijoada Completa e Outras Crônicas* (Realejo).

instrumentos musicais e vasilhames de cerveja espalhados pelo térreo do pequeno sobrado. Aquele ambiente me fascinava. Tentava entender o significado de cada objeto, interpretar detalhes. Fomos até a cozinha, onde Tota livrou dois lugares à mesa. Lemos em voz alta a primeira página do livro da CIA, uma tarefa árdua e sem muita graça depois da qual Tota sugeriu sairmos para tomar uma cerveja.

Somos amigos desde então. Foi a nossa única aula de inglês. Mantivemos contato por cartas. Tota contaria suas histórias da Universidade de Miami. Quando voltei pela quarta vez para São Paulo, em 1984, ele foi a primeira pessoa que procurei. Nessas três décadas, Tota se tornaria especialista na história dos Estados Unidos. Dá aulas dedicadas à cultura e à formação daquele país na PUC de São Paulo desde meados da década de 1990. Lançou três livros dedicados ao tema. O primeiro foi o hoje quase clássico *O Imperialismo Sedutor*, publicado pela Companhia das Letras, em 2000, no qual analisa a tentativa dos Estados Unidos de ganhar corações e mentes brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial. Este foi traduzido para o inglês com o título de *The Seduction of Brazil* (University of Texas, 2009). Em 2008 publicou uma interpretação da história dos Estados Unidos chamada *Os Americanos* (Editora Contexto). E, em 2014, lançou uma biografia do magnata e ex-governador de Nova York, Nelson Rockefeller, focada na sua longa, produtiva e pouco conhecida relação com o Brasil. O título do livro é *O Amigo Americano* (Companhia das Letras) e foi indicado ao Prêmio Jabuti.

Para melhor entender sua visão sobre a história e a cultura dos Estados Unidos, convidei o professor Antonio Pedro, hoje um distinto professor universitário, para minha casa, onde concedeu a seguinte entrevista, editada por motivos de tamanho e clareza:

**MS – Você passou os últimos anos pesquisando a vida de um bilionário nova-iorquino, cujo sonho era chegar à presidência dos Estados Unidos. Nelson Aldrich Rockefeller se candidatou à nomeação do Partido Republicano à presidência mais de uma vez. Ele tem, aparentemente, pontos em comum com o homem que acabou de ser eleito presidente dos Estados Unidos. Donald Trump inspirou de alguma forma essa biografia?**

**APT – Não!** Quando fui fazer o livro de Nelson Rockefeller quase nada sabia do Trump. Só conhecia seus prédios de mau gosto e alguma fofoca em torno dos escândalos provocados por seus muitos divórcios e casamentos. Sabia quem era, mas não lhe dava muita importância. A informação que eu tinha chegava dos amigos nova-iorquinos, que falavam mal da estética dos seus edifícios.

### **Há semelhanças entre os dois homens?**

Superficiais. Mas são dois homens muito diferentes, quase opostos em alguns sentidos importantes. Quando Nelson concorreu à vaga de candidato do Partido Republicano em 1964, havia desconfiança em relação à sua candidatura em função da sua riqueza e refinamento. Goldwater era visto como um homem mais popular, mais próximo do povo, se quisesse. Pesava contra o Rockefeller também o fato de ter trabalhado na administração do Franklin Delano Roosevelt (do Partido Democrata). Alguns no Partido Republicano tachavam o Nelson de comunista! Ele sempre teve essa preocupação pelo social mesmo. Em 1959, a crítica que Rockefeller fazia do Partido Republicano obrigou o Richard Nixon a assumir formalmente compromissos com uma plataforma mais voltada para questões sociais. Para garantir sua própria candidatura, Nixon foi até o apartamento do Nelson, na Quinta Avenida, negociar o documento com outros líderes do partido. Ficou conhecido, ironicamente ou não, como o Pacto da Quinta Avenida.

### **O que mudou de lá para cá?**

Na verdade, Nelson e Trump são figuras muito diferentes. Nelson foi criado numa família empreendedora responsável pela maior transformação planetária antes da bomba atômica, fundadora da Standard Oil. Fazia parte da elite refinada e intelectualizada da ala mais sofisticada e progressista do Partido Republicano. Sua criação foi rigorosa e antirracista. O bisavô contribuiu para a chamada “*underground railroad*”, que ajudava escravos a fugir para o Norte, e se orgulhava disso. Sua mãe fazia verdadeiros discursos antirracistas para seus seis filhos. Nelson jamais imaginaria separar os Estados Unidos do México com um muro. Adorava o México. Dizia que sentia mais

calor humano lá do que nos EUA. Ia para lá se abraçar com os mexicanos, dizia. Falava espanhol fluentemente. Fez campanha em espanhol para governador no bairro de Spanish Harlem, em Nova York. Era amigo de latino-americanos ilustres, como o presidente Lázaro Cárdenas, do México, o embaixador Carlos Martins, do Brasil, e da sua mulher, a artista plástica Maria Martins. Conhecia Frida Kahlo, Assis Chateaubriand, Walter Moreira Salles. Quem come milho no Brasil o faz graças ao Nelson e ao pesquisador mineiro Antônio Segundinho, criador da Agrocere.

### **Como é que você se interessou pela história dos Estados Unidos?**

Muita gente da minha geração se interessou pelos Estados Unidos. Brincávamos de Segunda Guerra Mundial quando estava no primeiro grau. A nossa foi a primeira geração a brincar com soldadinhos de plástico e não de chumbo. Eu sabia os nomes de todos os aviões e de todos os generais. Assistia ao seriado *Combat* na TV. Mas a gente tinha medo, por outro lado, da bomba atômica. Lia a revista *Popular Mechanics*. Nela ficamos sabendo da campanha de defesa civil *duck and cover*. Quando criança, ainda levava meus irmãos para catar tubos de pasta de dente. É que na época eram feitos de chumbo. Minha ideia era juntar os tubos na construção de um abrigo antiatômico. Havia lido que o chumbo nos protegeria contra os efeitos da radiação. Décadas mais tarde, enquanto escrevia o livro sobre Nelson, li na *Folha de S. Paulo* que ele havia começado a construção de abrigo nuclear com paredes substanciais, na Ilha dos Gatos, logo em frente à Praia de Boiçucanga, no litoral norte de São Paulo. Fui até a ilha de barco para ver. A obra não foi terminada, longe disso. Mas está lá o buraco e o que sobrou das paredes. Parece uma ruína arqueológica de outra época. O que de fato é. Chequei o registro de imóveis. Foi arrendada a ilha em nome do seu primo, da família Aldrich, só indiretamente ligada ao Nelson Rockefeller.

### **Quando foi que você passou a estudar mais sistematicamente os Estados Unidos?**

Escrevi minha tese de doutorado sobre a história do rádio em São Paulo. Durante as pesquisas notei

que todos os equipamentos de rádio aqui eram americanos. Precisavam ser importados. Isso atizou a minha curiosidade. Eu já havia estudado e lecionado na Universidade de Miami. Pedi bolsa para a Fulbright, e também para a Fapesp, para estudar a influência técnica americana na radiotelefonía brasileira. A ideia era estudar esse tema para minha tese de titularidade. Imaginei que através dele poderia fazer uma análise mais refinada da influência cultural estadunidense no Brasil. Havia lido na época um livrinho da coleção Tudo é História, da Editora Brasiliense, chamado *Tio Sam Chega ao Brasil*, de Gerson Moura, aliás, você também leu, eu me lembro disso, e achei-o meio conspiratório. Identificava um grande plano para dominar o rádio, o cinema, a música, a cultura brasileira toda, à época da Segunda Guerra. Eu queria abordar o assunto da influência cultural de forma mais nuançada. Mas durante as minhas pesquisas em Washington DC descobri um departamento do governo chamado Office of the Coordinator of Interamerican Affairs, cujo titular era Nelson Aldrich Rockefeller. Fui vendo que era uma iniciativa ambiciosa e custosa cuja finalidade era, em linhas gerais, “dominar” a cultura brasileira à época da Segunda Guerra Mundial. Ou seja, Gerson Moura tinha razão. Não só isso, a iniciativa era maior ainda do que ele descrevera no seu livro introdutório. Aquilo me fascinou. Ainda mais quando percebi que o plano fora desenvolvido antes de os Estados Unidos entrarem na guerra de fato. O Roosevelt era um gênio. A Alemanha nazista acabara de entrar em Paris e os Estados Unidos já pensavam geopoliticamente sobre o futuro da América Latina, com a elaboração de um ambicioso plano do que seria chamado mais tarde, 50 anos depois, de “*soft power*”.

### **Foi aí que você começou a se interessar pelo Nelson Rockefeller?**

Sim. Mas não era meu foco principal nessa época. Eu estava mais preocupado em descrever e entender o sentido histórico do esforço de guerra dos Estados Unidos no Brasil. Mas passei a pesquisar, no arquivo do Nelson em Nova York, e também no arquivo da FDR Library and Museum, em Hyde Park. Fui alocado na Columbia University, com *sponsorship* do professor de história Ralph Della

Cava. Foi a partir dessas pesquisas que passei a entender melhor a importância que os Estados Unidos davam ao Brasil na época da guerra. O Brasil estava quase todo dia na primeira página do *The New York Times*. Achei uma carta do famosíssimo ator Errol Flynn para a FDR pedindo mais compreensão de Getúlio Vargas. Nela o ator dizia que o Departamento do Estado não tinha sensibilidade da cultura e da arte suficiente para entender o regime do Vargas. Rockefeller foi chamado pelo Roosevelt para liderar a iniciativa porque conhecia a América Latina e tinha boas relações na região.

**A partir desse momento você já se considerava um americanista?**

Não, seria exagero dizer isso. Mas cheguei de volta ao Brasil com uma ideia na cabeça: a academia brasileira não dava a devida importância aos estudos da história dos Estados Unidos. Fui para lá para estudar a história do Brasil e acabei percebendo que, nesse caso, ao menos, era impossível entender a história do meu país sem uma boa compreensão da história estadunidense.

**E em seguida você escreveu *O Imperialismo Sedutor*. O título do livro sempre chamou a atenção para essa obra. Como surgiu o título?**

Foi você quem deu o título!

**Juro que não me lembrava disso. É verdade?**

Pois eu me lembro muito bem. Eu já havia entregado a tese de titularidade com o título de “A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra Mundial”. A Companhia das Letras iria publicar o livro, mas concordávamos que precisava de um título mais “sexy”, mais sedutor. Ficamos falando disso, eu, você e Reinaldo Moraes, naquele boteco Ponto X da Vila, na Vila Madalena. Fizemos um *brainstorming* em busca de um título mais sedutor e você saiu com *O Imperialismo Sedutor*. Fechei na hora.

**E para finalizar: qual é o motivo de se estudar tão pouco os Estados Unidos no Brasil?**

Não tenho certeza. Medo de ser cooptado, talvez, um pouco. É comum também o sentimento entre acadêmicos de que eles já sabem o suficiente sobre os Estados Unidos. O país está, afinal, constantemente nos jornais, na internet, na TV e no cinema. Possui uma cultura muito influente internacionalmente. Mas se você quiser fazer críticas relevantes aos Estados Unidos, é preciso mergulhar na sua história. Se você me permitir, *O Amigo Americano* é isso.